

AUTORETRATO NA PRÁTICA ARTÍSTICA/MEDITATIVA EM ISOLAMENTO NA PANDEMIA DA COVID-19¹

Sílvia Azevêdo Sousa²
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar minha experiência de autorretrato, no período de isolamento social proveniente da pandemia de COVID-19. Em busca de estados artísticos/meditativos em práticas de espiritualidade e motivada pelas questões sobre a dualidade de corpo, eu/artista promovo, em ação de autorretrato e no relato de minha experiência, uma coleção de informações Katz (2005), compondo uma identidade não fixa constituindo-se no entre-lugar Bhabha (1998). Minha constituição formativa entre teologia/arte no pensamento contemporâneo Agamben (2007), promove trânsito de informações na relação entre corpo/ambiente. O processo criativo abandonou a ideia dicotômica de corpo como também a ideia na Arte como um objeto cênico instrumentalizado, para colocar a questões do corpo feminino em protagonismo e em autonomia, através de experiências de autorretrato. Compõe agenciamentos indenitários não fixos na construção de imagens no jogo de luz e sombras e criando uma espacialidade no ambiente de casa.

PALAVRAS-CHAVE: corpo, autorretrato, dualismo, meditação, covid-19.

INTRODUÇÃO

O que é o corpo? O que pode o corpo? Essas perguntas movimentaram a tradição cultural teológica, filosófica e artística durante muito tempo, promovendo dualismos de corpo-alma que, de acordo com Churchland (2004), advém do paradigma semântico dual mente-corpo.

No campo da teologia, este paradigma constitui uma problemática que perpetuou hegemonicamente durante muito tempo sobre a ontologia do ser humano. Assim, segundo Oliveira (2013, p. 1083):

A penetração do gnosticismo no pensamento cristão colocava em questão as verdades centrais da fé cristã: a encarnação do Verbo, a salvação pela mediação da morte de Cristo e a ressurreição dos mortos. Assim, a antropologia, a cristologia, a soteriologia e a

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Contemporânea” do III Gão Fino: Semana da Fotografia.

² Mestre em Dança pela UFBA e aluna do Curso de Licenciatura na modalidade EAD do curso de Dança da UFBA. silviadnaca29@gmail.com



escatologia precisavam ser blindadas da sedução gnóstica. Uma meditação sobre os mistérios da vida e da obra de Jesus Cristo proporcionam um resgate da dimensão corpórea do ser humano, impedindo-o de ser visto somente em sua condição anímica.

Aspectos como esses configuraram-se durante as escolas teológicas na Idade Clássica com Santo Agostinho e Tomás de Aquino, considerando o corpo e alma como unidades distintas influenciadas pela Filosofia Platônica e Aristotélica. Compreensões assim se mantiveram hegemonicamente na teologia durante a Modernidade, dialogando muito bem com a tradição filosófica moderna cartesiana *res cogitans* e *res extensa*, que reduz o ser humano a uma consciência pensante (*cogito, ergo sum*).

Atualmente, as teologias são várias. De acordo com Oliveira (2013), coexistem entre três maiores correntes: a primeira delas trata-se da *psico-orgânica*, que se constitui como uma unidade dual que não se sobrepõe entre corpo-alma; a segunda, trata-se do *anímico-corpórea*, que compreende que o ser humano é carne animada e alma encarnada; e, por último, temos a *inter-relação funcional* entre corpo/cerebral dialogando a partir da Inteligência Artificial, que entende a mente apenas como o processamento da atividade cerebral e o quanto estados meditativos acionam estados de bem-estar.

Por mais que o pensamento teológico tenha avançado, dialogando com paradigmas científicos e compreendendo a subjetividade/objetividade com relação ao sagrado, julga-se aqui pela concepção da filosofia da mente de Paul Churchland (2004), semanticamente ainda com uma perspectiva dualista.

O avanço nas questões sobre corpo e comunicação compreende-se a partir da concepção de Katz (2005), como sendo um trânsito de informações provisórias que entra em acordos constantes com as informações que transitam e não como um canal que absorve informações do meio, processa e depois devolve. Dessa forma, esse mecanismo acontece no entendimento do processamento neuronal, que traz a inteligência artificial e que dialoga com o pensamento mais “contemporâneo” das teologias, como aponta Oliveira (2013).

Esse trânsito de informações feitas através do corpo compõe uma identidade não fixa, promovendo-se no entre-lugar proposto por Bhabha (1998), da artista-pesquisadora-espiritualista, na constituição de sua identidade formativa no entre teologia e arte, teologia e filosofia. Assim, percebe-se sua prática artista/meditativa,



trazendo à luz a problemática do dualismo do corpo em seus estados meditativos em prática diária de reflexões na leitura dos textos bíblicos.

Este trabalho é fruto de processos de investigações pessoais durante o período de quarentena da Covid-19, do período abril a setembro de 2020, cuja experimentações aconteceram por práticas meditativas/artísticas diárias sempre no período da manhã, pois configura-se como um momento oportuno para o despertar para as atividades diárias em isolamento, quanto para o jogo de luz e sombras da construção das imagens.

AUTORRETRATO

Considero que a prática artística é também uma ação política. Justifico que esse trânsito de informações, que faz parte do corpo/artista apresentada na introdução, problematiza questões que promovem visibilidade ao que está posto em ambos os campos por pressupostos distintos. Por uma perspectiva teológica, o corpo, ainda como algo subjugado à alma/razão, está em busca de transcender-se e busca o encontro com o divino, assim como o sagrado no mito da separação (OLIVEIRA, 2013). Por outro lado, na perspectiva do campo da Arte, o corpo é visto como mídia de si mesmo (KATZ, 2003).

Diante dessa distinção, entrevejo as situações, pondero e percebo algo que não cessa de me interpelar, como por exemplo: o que comunica um corpo despido em estados meditativos e em isolamento social?

Na busca por formação de imagens em um construto de sobreposição de mídias, isto é, o corpo e a tela em um jogo de luz e sombras, tendo um caderno e uma rosa vermelha em diálogos com os dispositivos midiáticos, constituímos o fazer artístico/meditativo profanando esse corpo que é visto pela Teologia como uma das substâncias de uma unidade, enquanto que para a Arte, é visto como uma unidade de informação transitória entre biologia/cultura.

Este corpo que tem a possibilidade de se isolar, em meio o caos social de desigualdades sociais, de manter o trabalho em Home Office por horas na sua

atividade docente, que explora informação sinestésicas interoceptivas³, extoreceptivas⁴ e propioceptivas⁵, criando espacialidades em lugares pequenos de um apartamento.

Fotografia 1- corpo com Luz e Flor



Autorretrato 1

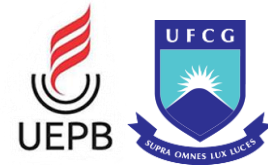
Essa busca de questionar-me pelas práticas dos ritos sagrados cristãos, pode elaborar/coreografar, no jogo entre corpo e câmera, em pausas, uma construção de imagens em autorretratos. Nesse jogo foi possível profanar a ideia de corpo dual das concepções teológicas, semelhante as trazidas por Agamben (2007) quando trata da profanação que as crianças fazem à realidade da guerra, da economia, da política em suas brincadeiras.

Ao profanar nas fotografias a concepção de corpo, construída pela minha formação cristã/teológica e compartilhar em redes sociais como o *Instagram*, pode ressignificar e trazer o corpo despido (que deveria ser coberto por conta do pecado),

³ Percepção é o ato, efeito ou faculdade de perceber e adquirir conhecimentos através dos sentidos e o ser humano consegue relacionar três níveis de percepção, cuja interocepção que vai responder aos estímulos em níveis viscerais, sendo manifestadas sensações de dor ou prazer pelo organismo, a nível sentimentais, relações como tristeza, sensações vindas de dentro do corpo.

⁴ Estímulos são recebidos pelos receptores externos do indivíduo, ou seja, os órgãos dos sentidos. São sensações em nível tátil, auditivo, gustativo, olfativo ou visual.

⁵ Estímulos que dizem respeito à percepção dos estímulos em nível de músculos, ligamentos e tendões e da respiração.



para o uso social comum das redes, como um convite à profanação dos ritos sagrados, nesse caso os ritos do corpo.

Nesses aspectos, considero como uma prática artista/fotográfica contemporânea, pois o próprio Agamben (2009) traz o contemporâneo como aquele sujeito que mantém fixo o olhar no seu tempo para nele perceber não só as luzes, como também as questões que estão obscuras. Esse olhar para o corpo em uma atitude lúdica/profana propõe uma outra possibilidade de ser um corpo não dual.

De acordo com Setenta (2008), delineada pelo aparato do corpo-mídia corroborado por Katz (2005), aponta a dinâmica do corpo no espaço-tempo, declarando-se como processo e produto histórico, resultante de conquistas evolutivas e conexões efetuadas através da memória e novas trocas comunicacionais, geradores de novas linguagens que intervêm e transformam sua trajetória. Esse processo acontece nesse experimento de autorretrato, como um terceiro lugar do corpo artista, que tem em suas experiências o trânsito da Dança, pois são essas experiências que vêm movendo a prática de criações artísticas na política do e no corpo.

Todo esse processo considera a imagem como uma pausa do instante que registra na composição da imagem por um pensamento dançante. As fotografias foram registradas pela própria artista, no caso, eu, com a câmera frontal do celular J7 prime da Samsung, durante o período da manhã depois de meditações diárias dos textos bíblicos.

Fotografia 2- Corpo com Luz e Sombra 2



Autorretrato 2

O meu processo criativo abandonou a ideia dicotômica de corpo, superando a concepção de receptáculo a serviço da alma, como também a ideia na Arte de corpo como um objeto cênico instrumentalizado. Portanto, coloco em protagonismo em autonomia minhas experiências no específico tempo-espço da casa, criando assim uma espacialidade.

Nesse entendimento, constituem-se os autorretratos dentro de uma perspectiva Pós-Colonial, ao retratar através das multirreferencialidades que promove o corpo, a desterritorializações de discursos, compondo através de memórias sobre o corpo dual, até mesmo conceitos da minha própria autoimagem, como o não sexualizado, não secularizado, não corporificado em imagens criativas libertas de qualquer perspectiva opressora do corpo feminino, nem tão pouco na objetificação do erótico, trazidas como dispositivos criativos para composição das imagens.

De acordo com Bhabha (1998), um dos incômodos da teoria cultural é o uso do prefixo "pós", que se configura como um indicativo de uma certa desorientação com as noções tradicionais de igualdade/diferença, passado/presente, inclusão/ exclusão. Para o autor, não há polaridades culturais, mas sim um processo híbrido. É assim que essas configurações estão no corpo. Com as informações cristãs tradicionais e as novas informações que vão se acomodando e entrando em acordos transitórios nas

ações criativas na produção de imagens, pois elas constituem novas representações de corpo.

Fotografia 3-Corpo com Luz e Sombra 3



Autorretrato 3

A princípio, pode parecer de uma maneira desatenta, para quem olha que há uma provocação de fetichismo erótico, entretanto olhares como esses mascaram discurso estereotipado que não poderão reconhecer o corpo como arte. Assim, constitui-se uma outra questão que se desdobra da dualidade mente/corpo e do entendimento que o corpo é “carnal”, “pecaminoso”, como ocorre nessa situação imagética que está sendo secularizada por estar sendo exposta.

Discursos coloniais faz do estereotipado mais do que urna falsa imagem a serviço de práticas discriminatórias, constituindo um pensamento muito mais ambivalente de projeção e introjeção fixa quanto de fantasia, de culpa e de agressividade. Como diz o poema de Adélia Prado (2002): “Nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado”.

Fotografia 4-Corpo com Luz e Sombra 3



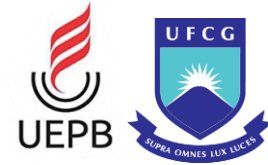
Autorretrato 4

Nessa quarta imagem, mostro o corpo seminu em uma posição de contrição, de meditação na tradição Judaico-cristã, porém a imagem acompanha o jogo de luz e sombras como uma possibilidade de constituir-me entre esse outro lugar que integra todas as relações e valoriza o corpo, principalmente um corpo de mulher.

O corpo feminino era um corpo que sentia, pensava, falava dessas sensações. No entanto, o modelo hegemônico patriarcal compreendia esse corpo como algo mais “racional” e baniou-o da teologia. Nessa alienação do corpo de si mesmo, o grande “condenado à morte foi o corpo da mulher. O corpo que deve ser mortificado, escondido não mostrado. O corpo que fere a todos” (THOMAZ 2018, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que trabalhos como esses favorecem a visibilidade sobre as questões do corpo na contemporaneidade. Assim, espera-se sensibilizar, educar e elucidar novas problemáticas Pós-Coloniais, constituindo práticas criativas e



disseminando outras possibilidades investigativas, que nesse caso servirá como dispositivos para a composição em Dança contemporânea.

Este trabalho colocou a questões do corpo feminino em protagonismo e em autonomia através de suas experiências de autorretrato compondo agenciamentos indenitários não fixos, promovendo ao leitor um repensar suas concepções sobre corpo e sobretudo um corpo de mulher.

Sugiro que outras prática artísticas também sejam desenvolvidas sobre o corpo de mulher negra, considerando a desconstrução e/ou a problemática sobre este corpo atualizando no diálogo com os textos bíblicos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é contemporâneo? In: **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. Trad. Vinicius Homesko.

_____. **1942 - Profanações** / Giorgio Agarnben. Apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo: Boitempo, 2007. (Marxismo e literatura) Tradução de: Profanazioni.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência: uma Introdução Contemporânea à Filosofia da Mente** [Tradução: Maria Clara Cescato]. São Paulo. Editora: Unesp 2004.

OLIVEIRA, Renato Alves de. A relação entre o corpo e a alma do ser humano na teologia cristã: uma aproximação histórica e contemporânea. **Revista de Estudos de teologia e das Ciências das Religiões**. Ed Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1081-1105, jul./set. 2013.

PRADO, Adélia. Poesia Reunida. São Paulo: Siciliano, 2002.

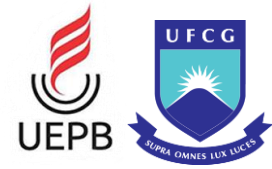
KATZ, Helena e GREINER, Christine. Por uma teoria do Corpomídia. In: GREINER, Chistine. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinares. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Corpomídia**: a questão epistemológica do corpo na área da comunicação. Revista Húmus, número 1. Caxias do Sul, RS: Secretaria Municipal de Cultura. 2003

_____. **Um, dois, três: a dança é pensamento do corpo**. 1ª Ed, Belo Horizonte: Fid Editorial, 2005.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)
Campina Grande, PB
26 a 30 de Outubro de 2020



SETENTA, J. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

THOMAZ, Angélica Tostes. **A teologia sem corpo**: por uma teopoética feminista. REFLEXUS - Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano XII, n. 19, 2018.